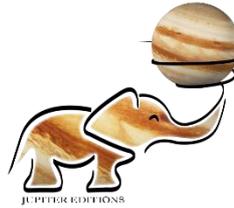


20h39

Jogo de Skater e Internet de Skaters



§ R, não te podes ligar Online.

§ Porquê?

§ Porque os skaters que estão na pizzeria são da outra Maçonaria nº66. São da Maçonaria nº66 cujos 3 seis não se viram ao contrário. Está a dar Portugal. A tua maçonaria que está na cozinha vai interromper o jogo para os skaters bazarem, porque eles querem ver o jogo, lá fora estás a ver que os outros skater estão a comunicar com os de fora para saberem qual é que é o jogo que se está a passar na cozinha. Na cozinha sabe-se tudo R. E na cozinha já disseram que foi “o jogo” que mandou. Enquanto eles oferecerem resistência não te poderás ligar Online, porque senão eles vão hackear-te através do Wi-Fi. Os teus skaters estão a caminho. Chegarão em 66 segundos. Quando chegarem verás a Tensão Cósmica entre as Internets dos Skaters. A luta de maçonarias começa em baixo, R. A luta de maçonarias começa a partir dos 6 anos e dura até aos 66 anos. Verás como é forte a tua Maçonaria nº66 capaz de se inverter na Maçonaria nº99. Boa Sorte. Grava com os teus olhos e com o teu espírito a Tensão Tecnológica das Internets. Sente-te um privilegiado. Não te sintas outra coisa. Já te podes ligar Online. Escreve com o teu Rock. Não te esqueças que para todos os efeitos, se te perguntarem, és nadador-salvador, apesar de ainda não teres tirado a farda da mochila e apesar de andares no resort como se fosses às vezes um cliente outras “o nadador salvador” que está à a aguardar a escala, que está à espera da resposta da madeira... É só um disfarce. Veste o Rock and Roll na pele. Disfarça-te para começares a escrever como deve de ser. Ouve um rock como deve de ser. 20h52

Não sou maçom. Porque não sou nenhum soldado. Sou maçónico. É diferente. Por ser maçónico vejo e ando em todas as maçonarias e vejo como funcionam as coisas, como funciona o sistema que programa a vida. Vejo também a informática dos programas maçónicos que nos atrasam a vida. Vejo a inteligência do sistema. Mas o sistema também vê a minha inteligência. O sistema é muito mais inteligente e muito mais forte do que eu obviamente. Tem muito mais força, obviamente. Mas quando nós ficamos informados, quando nós temos informação, quando nos contam as merdas, quando nós as compreendemos e gerimos e fazemos matemáticas naturais na nossa cabeça e o nosso cérebro tecnológico dá-nos as respostas tecnológicas, nós sabemos o que fazer e o que temos de fazer e claro construímos a solução e apresentamos à sociedade. Foi o que eu fiz. Lembro-me de ser mesmo muito novo e construir teorias muito simples, soluções básicas de andar sempre feliz e de ver sempre o bem e de escrever coisas importantes que um sistema não gostava. As coisas que eu escrevi foram escondidas. As coisas que eu disse foram sempre editadas, foram sempre distorcidas. Foi sempre uma luta para conseguir trazer a verdade. Quando nós emitimos escrita e códigos contra o próprio sistema o sistema trata de encaminhar os seus algoritmos, os seus soldados para nos “anestesiarem”. Vejo a informática da minha escrita todos os dias a aparecer no Ecrã da Minha Vida Real. Acordo sempre com livros. Quando caminho vou escrevendo mais livros. Fico tipo com “nuvens”. Se me for colocado um chip é fácil ver as minhas nuvens, editá-las ou removê-las ou trazer novas tecnologias que numa força telecinética “aniquilem”, “interrompam”, “diminuem” a minha escrita. Há várias formas

de fazer isto. Com romances e desgostos de amor, com mini stresses, com conversas de merda, com dificuldades, com obstáculos, com faltas de dinheiro, com tirar-me de um sítio e pôr-me noutra tipo Jogo de Aquários tudo num Programa Inteligente ligado em Rede Forte com Vários Algoritmos, Soldados ou Maçons. O jogo é sempre o mesmo . O jogo é cíclico, porque a história é cíclica. Estamos presos num círculo vicioso e “parece que toda a gente curte”. Para mim é mesmo muito chato ter de escrever isto. Mas enfim, escrevo isto para ver se me livro disto de uma vez por todas, porque eu quero mesmo livrar-me disto. Estou cansado “deste ciclo”. 666

Na cantina por trás de mim ouvi uma conversa típica. Um dos rapazes estava a comentar que o chefe dele era altamente porque dava “grandes tostas”, mas era se no final ficassem a conversar com ele e a ouvi-lo a falar das cenas da mulher e das cenas do chefe com as outras mulheres. Eu não chamo a isto conversa de homens. Isto para mim é conversa de estúpidos em que vejo os estúpidos a rirem-se feito estúpidos para o chefe com cara de estúpidos e o chefe a ver a cara deles de estúpidos e a fazer deles ainda mais estúpidos. A estupidez cansa-me. Odeio estúpidos, odeio gente parva, odeio conversa de merda, odeio que façam conversa só para fazer conversa, conversa que às vezes desgasta, magoa e é tóxica, porque não é uma boa conversa. E depois eu lá tenho que levar com as conversas, com a conversa de merda, porque metem a conversa mesmo a dar por cima dos meus ouvidos e riem-se e fazem sinais para ver se eu estou a curtir a conversa se a conversa me está a cansar e pegam nas novas aplicações com as novas tecnologias e sacam os novos algoritmos para cima de mim para medirem o meu cansaço. Só que corre-lhes sempre mal. Porque nem os algoritmos conseguem detetar o meu cansaço. Serei um robot? Serei um ciborgue? Serei um extraterrestre? Serei um andromedano? Sou só um humano que vive verdadeiramente e apaixonadamente as relações e as vê como sagradas e se envolve verdadeiramente com o espírito na Natureza e simplesmente caminha como se tivesse parado. Mas não paro. Continuo. Continuo sempre. Dou luta até ao fim. Mas retiro-me. Sei retirar. Retiro-me em silêncio. Ando tipo pezinhos de lã. Sou sereno. Gosto da serenidade. Não gosto de entropia, não gosto de confusão, não gosto de sujidade, não gosto de coisas sujas, não gosto da dark net, não gosto de dark sides e não gosto de pessoas com Lado Negro. Odeio-as. Mas sorrio para elas. Sei sorrir-lhes. Sento-me com elas. Sei sentar-me. Aprendi pequenino a sentar-me na Mesa dos Grandes, na Mesa dos Lobos Maus. Sei o que pensam. Conheço a engenharia, lógica e informática do cérebro deles. Vejo a informática que lhe foi instalada na cabeça. Mas vejo tudo em segundos. Vejo e pronto, continuo como se não tivesse visto nada.

21h21 12/06/2022 Raul Catulo Morais

Na cantina, ao jantar, por causa do pratalhão que a Vony me serviu cheio de nutrientes vi como é que seria a vida dos colaboradores se de repente a Polícia Judiciária entrasse no Hotel Pestana e fechasse o hotel. E muito rapidamente vi que seria o melhor filme para todos os colaboradores porque neste tipo de casos o que se ia fazer era muito simples: se o contrato de um colaborador dizia que o trabalho era até dezembro e estamos em junho, quer dizer que com as portas fechadas do hotel o colaborador não trabalha mais e recebe imediatamente o dinheiro todo na conta bancária a Título de Indemnização Urgente. Ora o “Processo de Abrir Falência” neste tipo de casos para a “Imediata Liquidação e Satisfação” de todos “os Credores” do Hotel (trabalhadores, fornecedores, bancos a quem pediu créditos) seguiria a lógica da Era Tecnológica Avançada. Se estamos numa Era Tecnológica Avançada o Direito também tem de ser Super Avançado. E portanto, em primeiro lugar é óbvio que estão primeiro os trabalhadores. Ora no Processo de Satisfação de Credores quem tem de aparecer em primeiro lugar na Hierarquia da Satisfação de Credores tem de ser sempre, mas sempre, mas sempre, em

primeiro lugar, OBVIAMENTE os trabalhadores e não os fornecedores (que são empresas, logo mais fortes) ou os bancos (que são ainda mais fortes). O Direito deve sempre preocupar-se em primeiro lugar com a parte mais fraca. Sempre com a parte mais fraca. Isto vê-se de cima, isto é fácil de ver. E quando já compensámos e já satisfizemos todos os trabalhadores e vamos passar para as empresas, [por exemplo, o Hotel Pestana tem como fornecedores a Serlima que presta serviços de limpeza, a Casais Sociedade Anónima que está ali a pavimentar as obras, ou seja caso o Hotel Pestana fechasse de repente iam haver empresas prejudicadas, porque o Hotel Pestana ia ficar a dever...] vamos, então, primeiro pagar às empresas mais pequenas e em maiores dificuldades e depois então às maiores... Era assim que se deveria fazer Direito, mas as coisas foram escritas por outros “cérebros presos” de forma diferente.

Mas perguntam e se o hotel disser que não tem dinheiro? Primeiro se o hotel disser isso está a mentir, porque estamos a falar de um Grande Grupo de Hotéis. Mesmo que não houvesse dinheiro no hotel ou no grupo, era só ir buscar o dinheiro do Fundo Social que o hotelzinho foi pedir à União Europeia para por detrás montar um esquema de escravatura. Diz que vai dar aulas de Yoga e de Hipnotismo aos Palops e depois com os Palops hipnotizados mete-os a trabalhar... Esta metáfora saiu-me mesmo bem. Por acaso curto as minhas metáforas... 21h34

Mas porque é que escrevo isto? Porque consigo estar na cantina e consigo ver uma Rede diferente. Vejo uma Rede que me protege e que sabe que estou ali e não devia de estar ali, mas que estou ali disfarçado de salva-vidas a ver como funcionam as coisas e a relatá-las numa silenciosa e tranquila escrita projetada através da Jupiter Editions e através do Kanal Jupiter numa voz miudinha, mais ou menos gritante, às vezes, mas que, enfim, é própria da idade. Ora vejo por isso uma Rede que ao mesmo tempo me “prende”, porque tem “medo”, porque não sabe o que vai ou pode acontecer com eles próprios, como é que depois vai ser a vida deles caso isto pegue “fogo”, caso no filme a Lava do Núcleo do Inferno da Terra simplesmente venha acima num tesudo Terramoto de Coisas. Estou sempre a dizer que se não querem que o Terramoto de Coisas aconteça para não fazerem mal aos Elefantes, porque os elefantes comunicam-se a quilómetros de distância a bater o pé na Terra... Em paz eles não batem tanto o pé... Num sempre Stress de Coisas, os Elefantes começam a bater o pé... E se uma Manada de Elefantes se juntar a um só Elefante, um Grande Tremor de Terra de Coisas irá começar a dar. É uma metáfora da Vida Real, do Filme Real que é a vida, do filme em que nos colocaram.

Estou também sempre a dizer que eu não queria nascer no Inferno. Eu estava mesmo bem dentro do Útero da minha mãe, sempre com aguinha quente. No útero da minha mãe eu imaginava todos os romances com o DK, com o Afonso Côrte-Real, com o Francisco Fráguas, com o Kleba-Kodak... Com os meus algoritmos... Mas uma enfermeira que sabia que se falava num aborto chegou e cortou o Cordão Umbilical. E eu nasci. Essa enfermeira chamou-me hoje na praia. Veio a Porto Santo “visitar-me”. Mas chamaram-me hoje na praia pelo meu nome 3 enfermeiras. No Jogo de Informação Maçónica a pergunta que os salva-vidas não têm e estão a fazer é: qual das enfermeiras é que o salvou? Quem é a enfermeira parteira que pertence à maçonaria e ao espiritualismo dele? Às vezes é isto. Quem é que apanhou um avião só para “o ir visitar”? Quem é que o foi ver sem filmar e sem gravar o espírito dele senão com o espírito e com os olhos? Porque é isto no final. É disto que estamos a falar. Eu protejo a vida quando ela é iniciada e quando a Medicina reconhece de facto que já há um desenvolvimento importante de personalidade, sonhos e consciência. Mudei de opinião. Mudei agora de opinião. Foi agora em tempo real que eu mudei de opinião. Tive de ir fazer uma grande caminhada de 40 minutos aqui em Porto Santo e lembrar-me das aulas de Direito Penal e de Direito Fiscal para meter os

pratos numa balança e chegar a uma conclusão de coisas. Sobre a Eutanásia ainda não quero falar. Não tenho ainda informação suficiente e não quero intervir. Se a minha mãe estivesse presa numa prisão e me tivesse porque sabe que poderia ter-me na prisão porque depois um Sistema Que Funciona Como Deve de Ser iria agarrar-me e meter-me num Orfanato de Luxo, porque é isto que eu defendo que o Investimento prioritário dos Fundos da União Europeia deve ser nos Orfanatos e nos Lares das Pessoas da Grande Idade, eu não ficava chateado com a minha mãe. Mas ficava chateado com a minha mãe se ela me tivesse tipo numa prisão e depois eu tivesse de crescer com ela num Inferno de Coisas e numa prisão. Mas ficava chateado, mas depois passava e com a minha Síndrome de Estocolmo acabaria por beijá-la e agradecer-lhe a vida se eu pelo menos na prisão tivesse um bom banho de água quente e se me tivesse apaixonado por algum diabo debaixo das águas quentes do inferno. Seria pois importante que eu tivesse pelo menos uma comida decente com nutrientes decentes, uma comida biológica, o mais natural possível, sem porcarias, para eu conseguir pensar, para pelo menos conseguir pensar como é que eu poderia ou sair do Inferno ou ser feliz na prisão. Porque às vezes é só uma questão de “as coisas serem-nos contadas de verdade”, de nós ouvirmos a verdade e de acabarmos por as aceitar se virmos que não há outra forma que não aceitar, porque gostamos da vida e gostamos de viver. Já o disse várias vezes e dou-me sempre como exemplo. Eu oiço constantemente uma informática em mim. Não acho que tenho um chip. Até alguém ou um grupo ou uma sociedade me dizer por palavras que me instalou um chip, eu não vou dizer por palavras sérias que acho que tenho um chip. Mas sinto um chip alienígena, um chip invisível, sinto sempre uma tecnologia invisível e por isso trago o chip para os meus livros e para os meus filmes. Mas se o chip saísse do Ecrã e das páginas dos meus livros numa Realidade Aumentada para a Vida Real e eu visse que tenho de facto um chip instalado, porque de facto, de todas as soluções matemáticas a que eu cheguei foi essa, mas confesso que eu nunca fui muito bom a matemática por isso posso ter cometido cálculos entretanto na minha escrita e nas minhas contas de escrita, se me dissessem que de facto eu tenho um chip eu não teria como não aceitar a verdade e eu juro que eu deixaria de me atrasar tanto com a questão do chip e seria muito mais feliz por saber a verdade. [“E o que é que farias?” Oiço a Sara a perguntar... E respondo-lhe que não sei... “E se quem te tivesse instalado tivesse sido a pessoa que tu mais amaste?” Pois, eu teria de saber os motivos e de ver se fez ou não sentido, se de facto foi uma vantagem ou se foi uma desvantagem. Eu morri? Tive um coma emocional? Apanhei uma grande bebedeira bati com a cabeça e parti o ecrã da vida real? E o chip foi instalado e ressuscitou eletricamente numa bruta voltagem o meu espetacular cérebro tecnológico? Foi isso que aconteceu? Digam-me, porque eu estou a perguntar? O que é que aconteceu? Eu morri mas ressuscitei? Foi isso? É por isso a sensação que eu às vezes sinto quando escrevo estas coisas de sentir sangue na minha cabeça? Parece que já abri a cabeça “noutra vida”... Mas se eu não acredito “Noutra vidas”? Nós só conseguimos “ressuscitar” ou estender a vida se for com uma tecnologia... Por exemplo,] se o coração parar dá para trazer a pessoa de volta com um Desfibrilhador Elétrico (DAE). Amanhã, se uma pessoa tiver morte cerebral dá para instalar o Chip da Vida e a pessoa voltar... Eu defendo “este chip”; mas “é só este chip” e o chip para tratar doenças neurológicas como Alzheimer ou Parkinson, desde que não seja obrigatório... São só estes os chips que eu defendo... Mas depois também vejo toda uma Sociedade Maçónica enfurecida comigo que consegue aceder ao meu chip e também quer um chip como o meu e por isso lutam contra a minha escrita e contra os meus pensamentos... Eu já disse: não é fixe ter um chip, a não ser que não estejamos presos e possamos ser livres e obviamente livres no Sistema Monetário. Só assim “se pode justificar” um chip. Mas regra geral obviamente que sou contra os chips sobretudo de humanos nazis. 22h16 Mantenho por isso, à data de hoje, a minha escrita.00h50 13/12/2022 Diário de Salva-Vidas Contra o Implante Cerebral dos Diabos e dos Piratas. Raul Catulo Morais

São 02:22 e estou ansioso por ver o Sol a nascer. As nuvens estão a tapar as estrelas. Tenho o céu tapado. Ainda não apanhei a temperatura de água quentinha de Porto Santo, a temperatura que tinha memória. Mas adorei estar ontem na água. Depois de ter falado com a enfermeira que fez o meu parto e que leu o postal de Porto Santo que eu escrevi em Porto Santo e enviei à filha dela, o meu pai telefonou-me para saber se estava tudo “tranquilo”. Eu adorei a chamada do meu pai. Como não falamos muito por chamada, quando há chamadas importantes elas ficam nas nossas memórias. Quando estava como salva-vidas na Ilha dos Piratas, depois de ter chegado no Barco Mágico que estacionou no lugar nº 66 e de ter recebido por fotografia os cornos do esqueleto de vaca que o DK me enviou, também recebi nesse dia uma chamada importante do meu pai, só me telefonou nesse dia, a perguntar se estava tudo “tranquilo”.... Mas depois passou à minha mãe e enfim fiquei sem perceber um filme, porque começou um filme de terror a dar, a minha mãe a falar sobre o divórcio, quando eu não percebo se é um teatro ou se é vida real, quando a minha mãe se põe a falar do divórcio mas depois escreve grandes bilhetes ao meu a chamar-lhe jónha e metem-se depois os dois a rirem-se fechados no quarto passado da discussão que acabou mesmo de dar. É difícil de perceber a minha vida, ainda por cima quando eu sou um “robot” e gravo tudo. Foram duas vezes que eu vi “um triângulo” “espiritual” silencioso entre mim, o meu pai e o DK; mas o meu pai não gosta do DK nem o DK do meu pai, é estranho e foi por isso estranho ter sido o DK a arranjar-me o emprego de salva-vidas na Praia dos Camaleões só frequentada por camaleões tatuados com o nº666 e depois da temporada eu chegar a casa e aparecer um “talão mágico” com compras feitas de salchichas de aves na Villa dos Piratas antes de eu ter ido ou saber que ia para a Villa dos Piratas... A mesma “referência” e analogia de quando ia para Mata-Lobos o meu pai ter dito à frente do DK uma “palavra-chave” que parece que era proibida pelo jogo, mas que o meu pai disse e que só quando eu cheguei a Mata-Lobos é que percebi a “palavra-chave” e vi que ele “afinal” já sabia em que Toca dos Lobos eu me ia meter e com que Lobos é que eu ia lidar. A pergunta que eu faço no Jogo Maçónico é porque é que a minha própria família está metida nisto? E que membros da família? São todos? Porquê tudo isto? O que é que vêm afinal em mim? Não gostam de mim? Eu fiz algum mal? Adoram-me? Querem construir uma igreja silenciosa à minha volta ou querem dar cabo do meu espírito? Estão a testá-lo? Estão todos presos a uma Maçonaria? E esta Maçonaria o que quer de mim? O que quer de mim, eu tenho de perguntar? Porque é que está a bloquear e a silenciar toda a minha escrita e o Projeto da Jupiter Editions? O que se passa? Onde é que estão os meus amigos? Eu tinha tanto e bazaram todos... Vestiram personagens de repente... Até ele... Até o DK? Ou queriam todos que eu me suicidasse? Mas porquê? Porquê?

Comecei a falar com o John. Agora é o John. Parece que foi uma Mão Invisível que enviou o John... Saí do Grindr. Não sei se vou voltar. Por causa do dia de hoje que me fez outra vez voltar a tudo, voltei a pensar no cabrão. Não sei se quando eu aterrar em Lisboa ele vai lá estar com todos e só enviou o John porque conhece os meus algoritmos e sabia que com o John eu sairia do Grindr, só para me manter “equilibrado” e para voltar a ver Porto Santo com os olhos apaixonados. Mas porque é que ele enviou um algoritmo e não apareceu ele se ele ainda é um dos meus algoritmos? Será que a Maçonaria não deixa porque nos quer ver mesmo definitivamente separados? Será que não foi um Teatro nem um Filme por aquilo que eu passei e no Jogo Maçónico ele perdeu e foi “morto” pela próprio Trono? Parece uma Guerra de Tronos entre Jupiter e Saturn. É mesmo tudo tão estranho por causa do Jogo de Coincidências e por toda a Internet das Coisas que me faz ver que há obviamente uma Rede com algoritmos que dizem que “ele ainda não pode aparecer”. Mas eu não admito isto. Não vejo sentido nenhum nisto. Não posso estar a apaixonar-me por outras pessoas, para depois de repente ele voltar a aparecer. Porque eu sou sincero. Se eu voltar a beijar alguém, que ainda não beijei, mas se

voltar a fazê-lo e se esse alguém quiser ficar comigo eu nunca mas nunca o vou deixar, nem que apareça toda a minha família e amigos e diga para eu ficar com “ele” porque tudo fez parte de um “jogo”. Não tolero este tipo de jogos. Para mim não fazem sentido. Mas quando digo que “ainda o vejo” no aeroporto à minha espera é porque “obviamente” há um indicador importante que diz que “o jogo não me fez mal” e que “estou com saudades de todos” incluindo dele. Mas as saudades que eu sinto dele é da personagem que eu vi antes do Processo nº 666. Foi aqui nesta praia onde estou em Porto Santo que as coisas começaram a ser desenhadas... Lembro-me de tudo, mas não me apetece falar nem escrever tudo. Há coisas que simplesmente queremos guardar no coração e no espírito. Lembro-me que foi em Porto Santo que houve alguém mais velho que se chegou perto de mim e disse que eu ainda ia ser “presidente da república”. Eu não gostei e engoli seco, porque senti que estivesse a gozar comigo porque o comentário era impossível porque ele só me ouviu 2 minutos a falar e foi só sobre a temperatura da água, o vento, as nuvens e a quantos quilómetros estávamos de Portugal continental e da Ilha da Madeira e para que direção estavam e que os barcos que estávamos a ver a passar era o Armas que saía de Portimão e ia ao Funchal e depois para as Canárias e o outro era o Lobo Marinho que vinha do Funchal e que ia atracar em Porto Santo e que o avião que estava a chegar e que ia aterrar no aeroporto de Porto Santo não era da Tap e que a Tap estava com uma grande questão política para aterrar no aeroporto de Porto Santo, porque as tarifas para aterrar, o desembarque por cada passageiro mais o tempo de cada minuto para o avião estar estacionado no aeroporto eram tarifas insuportáveis para a Tap e por isso é que os voos da Tap para Porto Santo eram mais raros na altura e eram tão caros, mas contei-lhes o truque de comprarem a viagem com 1 de antecedência porque tinha sido a referência que me tinham dado na praia. Não me lembro de todos. Mas lembro da Odete do Mosteiro dos Jerónimos. Prometi-lhe ir lá visitá-la. Mas ainda não fui. Irei. Na altura por eu ver todos separados e sem falarem uns com os outros e virem primeiro uns com um tipo de conversa e depois eu vê-los a sentarem-se numa ponta e depois virem outros com as mesmas referência da conversa e sentarem-se noutra ponta eu via isto “espiritual” como se estivéssemos todos “ligados espiritualmente”. Mas aprendi de verdade o “Jogo dos Espíritos” e por isso joguei até ao final e saí. Deixei de ver as “coisas espirituais” e passei a ver a Internet das Coisas, ou seja a Tecnologia por detrás da Rede que liga as coisas e as faz parecer “espirituais”. O problema é quando nós vemos a Rede e percebemos as coisas, mas a Rede quer continuar “nesse tipo de jogos e teatros” que não valem a pena, que me cansam e que me atrasam ainda por cima quando eu faço obras importantes, escrevo coisas importantes e não vejo essa mesma Rede a colaborar com o meu espírito, mas antes a stressá-lo a lutar contra ele. Bom, se o meu espírito é Bom e é capaz de ser o melhor que eu alguma vez conheci de “todos os espíritos” que me “cercam o espírito” e se essa “Rede Espiritual” prendeu o meu espírito e a minha escrita e as minhas obras e todos os meus projetos e não faz mais nada senão “prender” como “me prende a mim”, então é porque a Rede não é boa ou quem está na Rede não é bom de espírito; é mau. Acredita num Deus-Fantasia, é submisso a uma Igreja-Fantasia e é obediente aos programas maçónicos que se passam na Rede e que dizem para agirem como agem comigo e para “falarem só muito de vez em quando” sobre a Jupiter Editions. E por isso é claro que eu tenho de falar tanto no nome da Jupiter Editions quando toda uma Rede de Pessoas soube e não quis falar, quis abafar, esconder, silenciar, fazer de conta que nunca tinha ouvido a falar, que nunca tinha lido nada, que nem sabia que existia... “Tudo bem”. Ora, quando isto acontece, é claro que nós começamos a ficar com outro tipo de espírito, com outro tipo de escrita e eu comecei a ficar com uma escrita que eu nunca quis mas que obviamente resultou de um mecanismo de defesa e de resposta para todos os programas e jogos maçónicos. Estou mesmo a lutar contra a Maçonaria, porque quando somos inimigos do Sistema e inimigos das igrejas maçónicas nós passamos a lutar silenciosamente contra a Maçonaria.

Quando eu estava como salva-vidas em Porto Santo, o Xico chamou-me à Praia do Cristóvão Colombo para eu “conhecer” 2 homens mais velhos que eram gémeos. E eu lá fui. Os olhos azulões deles pareciam “alienígenas” porque olharam para mim e falaram do nada para mim como se me tivessem penetrado o espírito e visto e conhecido o meu espírito. Disseram-me para eu me lembrar da história de Ghandi que andou sempre no meio da Maçonaria a lutar contra a Maçonaria. Eu não sei a história de Ghandi. Só sei que Ghandi foi um homem bom e que libertou Índia da Monarquia (acho). Escrevo isto e estou vestido com a minha blusa com a Coroa Monárquica Portuguesa. Parece que me vesti só para entrar na cama com os **Cavaleiros Tecnológicos** da Juventude Monárquica. Mas vestiram-me assim. Foi um dos meus melhores amigos, um dos meus “primos-irmãos” que me vestiu com a blusa. Foi um dos salva-vidas que na Praia das Lontras me chamou à parte e me deu um livro com um marcador metido numa página. E eu abri só nessa página e comecei a ler o que dizia sobre Ghandi. Só me lembro de ter lido sobre a Marcha do Sal em que Gandhi conseguiu organizar. E foi por isso que quando eu abri a Agenda Jupiter online me lembrei de Gandhi e incluí a Grande Marcha do Sal ao longo da Costa em Tributo a Gandhi. Mas só pensei em Gandhi, por Gandhi ter sido um homem bom. Os meus ouvidos só conseguem “abrir” para as histórias dos homens bons e tenho por isso os ouvidos abertos para ouvir a história do Gandhi. Só que eu gostava que fosse uma voz familiar, uma voz que amo a contar-me a história. Gosto de ouvir as vozes familiares, que me são familiares, que têm lá aquele timbre instalado que eu tanto gosto e que arrepia o espírito.

A praia “secreta” do Cristóvão Colombo é ao lado da praia “secreta” do Álvares Cabral. Quando eu estava como salva-vidas a trabalhar há 5 anos em Porto Santo eu estava na praia do Álvares Cabral. O Xico estava na do Cristóvão Colombo. Está um salva-vidas brasileiro de Salvador da Bahia a trabalhar com a sua namorada salva-vidas brasileira de Pirangi do Sul de Natal na praia “secreta” do Álvares Cabral que a história diz que foi ele que descobriu o Brasil. A história está mal escrita. Álvares Cabral não descobriu o Brasil e a história do Brasil começou só quando o Álvares Cabral apareceu como foi a história de Moçambique... Não! Álvares Cabral simplesmente chegou ao Brasil. É diferente. A história do Brasil ou de Moçambique não começaram só quando os portugueses lá chegaram. Quando os portugueses lá chegaram começaram a escrever nas praias toda uma história colonial por cima da história que já estava a dar. É preciso perceber isto. O salva-vidas de Salvador da Bahia disse que tinha ido a Santarém e mostrou-me o meu mestre de Karaté. Perguntou-me se eu conhecia. Eu disse que não. Quis entrar no jogo, fui eu que quis entrar no Karaté. O salva-vidas de Salvador da Bahia tem os mesmos olhos e o mesmo ar do meu melhor amigo que me vestiu com a Coroa Monárquica só para eu poder andar à vontade nos chãos e nas escadas maçónicas da Vida Maçónica e os príncipes-obreiros verem que sou eu que tenho a Blusa que todos queriam vestir. Mas para a vestirem terão de primeiro me despirem a Blusa. O primeiro que me despir eu visto-lhe a Blusa. É simplesmente um Jogo Maçónico de Coroas, um Jogo Invisível de Boxers, um Jogo de Camisolas, um Jogo de Bola, um Jogo de Cavalheiros Jogado só entre Cavalheiros. Não gosto.666

Não deixa por isso de ser engraçado as referências. Se uma Maçonaria já tivesse chegado à minha frente e dizer para eu não falar eu já me tinha calado, só que a Maçonaria não me manda calar. Fica simplesmente a ler-me e a ouvir-me silenciosamente sem dizer uma palavra. Mandou fechar portas e abriu umas poucas e sou eu que tenho de ver quais é que são as portas que uma Ala da Maçonaria deixou abertas num Jogo Secreto de Portas. Acho que é nesta Ala onde está metido o meu pai, a enfermeira parteira e o Afonso Côrte-Real. Acho... Também acho que é onde estão metidos outros meus amigos que gostam de mim. Mas não vou dizer os nomes deles. Não merecem. Estou chateado com eles de verdade. 03h53 Só ouvi falar a sério, tipo “convite” sobre a Maçonaria 3 vezes. Foi na Praia do Cristóvão Colombo pela boca dos gémeos

que iam para as Canárias. Foi da boca do Tiago assim que passámos na antiga sede do Rotary Club e foi da boca do Jorge no terraço do Café dos Paquistaneses em que me falou sobre um nome de Almeirim e em que eu depois fui a Almeirim com os meus tios, com a minha mãe e com o DK e vi lá sentado esse nome que me cumprimentou “maçonicamente”. Não deixa de ser engraçado que tenha sido na praia do Cristóvão Colombo que eu tenha ouvido os gémeos a falarem sobre a Maçonaria e depois ter aparecido a enfermeira-parteira que me salvou e me separou da minha mãe cortando o Cordão Umbilical e logo a seguir o meu pai ter telefonado. Há outras referências, mas são referências que obviamente são “secretas” e que são simplesmente para “eu guardar”, porque não há para escrever sobre isso senão “apreender”. Este tipo de escrita faz-me sempre ver o DK. Faz-me voltar ao DK. Faz-me voltar a Mata-Lobos quando acabámos e ele deixou-me só com a seguinte frase “se depois tiveres perguntas no futuro...”. Eu sempre vi o DK sentado na mesa das pessoas que eu mais gostava. Sempre vi o DK sentado na mesa com a enfermeira parteira, com a minha avó, com a minha tia testemunha de Jeová... Só que era sempre um Filme Impossível, era como se fosse uma Fantasia por causa das igrejas... Só que eu vi que afinal todos na família pronunciavam à minha frente o nº666 e riam-se, mesmo os que diziam que era o Número do Diabo. Nunca falei com o DK sobre a Maçonaria, mas sempre senti o maçonismo dele e vi que era igual ao meu, vi que tínhamos os mesmos olhos e espírito maçónico das abelhas e que por isso fizemos uma colmeia-formigueiro nosso... Montámos a nossa lojinha, a nossa lojinha maçónica contra a própria Maçonaria. Mas de repente “fiquei sozinho” na loja. Construí a loja por amor e chegou uma Maçonaria e tirou o meu amor. Foi isto o que aconteceu. Não tenho mais palavras para dizer isto. Foi isto. E por isso eu tive de chamar a Polícia Judiciária para me ajudar no filme. Para me ajudar a ver o filme. Eu preciso de falar com psicólogos. Acho que tenho esse direito. Mas eu só quero falar com Psicólogos ou da Polícia Judiciária ou da Força Aérea. Porque é com eles que eu preciso de chorar e quero chorar e acho que tenho esse direito. Tipo eu ainda não chorei. Tenho tecnologias sofisticadíssimas que me estão a prender as lágrimas. A história ainda não foi encerrada. E eu quero encerrá-la. A Bem ou a Mal eu quero encerrar a história de uma vez por todas! 04h13

Nós somos indicadores, somos algoritmos. Aquilo que nós falamos, aquilo que nós expressamos sobretudo quando nascemos com “um tipo de inteligência” de escrita, ou de pintura ou de música ou de outra arte nós normalmente expressamos “o nosso mundo”, os nossos “submundos” e como vemos o mundo. Ora é claro que eu só comecei a falar do número 666 porque passei por uma data de programas, jogos e teatros onde apareceram o número 666. Isto é fácil de ver. Se eu estou a fazer um determinado teatro é porque estou a querer “dizer alguma coisa” com esse teatro. Não é difícil compreender e ver o meu espírito. Acho aliás que é mesmo muito fácil chegar a mim. É muito fácil aceder ao meu cérebro. É muito fácil encontrar os meus algoritmos. É muito fácil fazerem “teatros” comigo e eu acreditar neles de verdade, porque parte do pressuposto “que não há teatros”. Parto sempre desse pressuposto. Como eu não brinco com os outros, sobretudo com os sentimentos e com a vida dos outros eu parto do pressuposto que ninguém o faz também comigo, porque não há sentido nem faz sentido. 04h23

Ponto da Situação do Diário

O Diário tem elementos reais e outros fantasia como personagens semi-reais ou fictícias. Na construção do argumento pretende-se construir um argumento mais ou menos fiel à realidade sentida ou contactada obviamente sempre com as suas nuances e com elementos ou mesmo argumentos novos fantasia. Os elementos, argumentos e personagens fantasia acabam por defender as personagens, negócios e Mão Invisível que me “protegeu” e “segurou” a viagem para Porto Santo e me instalou como um “príncipezinho” e me disse para “andar tranquilo”.

6h06 O comandante El respondeu-me no Jogo Maçónico o seguinte: “Sim, podes dizer ao Tenente Lelo que estás na ilha, mas não fales do projeto Pestana, faz de conta que nem conheces. Ele não tem de saber a ligação que tens aqui connosco. Dizes que estás em casa de um amigo teu.” Eu respondi então ao Tenente Lelo que tinha chumbado a segunda vez no exame e que estava na ilha de mini férias. Ora, é claro que se eu estou em Porto Santo e Porto Santo é uma Ilha-Aldeia em que eu já falei com imensas pessoas dentro e fora do hotel, que o Tenente Lelo fora do jogo poderia obviamente ter informações que eu era “o salva-vidas” que estava infiltrado no hotel. Sociedade de Informação e Sociedade de Informação Tecnológica. É verdade que o comandante El e o próprio irmão disseram para eu andar à vontade e protegeram-me na Rede para que os funcionários e seguranças do hotel soubessem quem é que eu sou e de que parte é que eu estava. Ora se não fosse a Escrita e o Jogo Maçónico de Batalha Naval que me prendem eu estaria de férias em Porto Santo. Tenho cama, tenho comida, não tenho de gastar dinheiro e estou no Paraíso de verdade. Quem me arranjou isto foi o comandante. Quem tem a concessão não é o comandante. Não sei se escrevi que era ele para trás no Diário. Mas a concessão não é dele é do irmão dele e através de 6 contratos fantasia que estão por detrás do contrato principal de parceria de gestão entre o Comandante e o irmão é que se conhece chegar ao Comandante. Por outras palavras, o Comandante é “invisível”. É só um gerente parceiro da concessão do irmão que simplesmente falou comigo e me disse que o primeiro que comprasse o bilhete de avião para Porto Santo seria o salva-vidas que ia para Porto Santo. E eu senti a corrida e comprei, para assegurar o meu lugar em Porto Santo. Mas como chumbei a segunda vez e já tinham comprado o voo e não queria mandar dinheiro lixo perguntei ao comandante se podia ir e se dava para ficar uma semana. Foi por isso que eu vim para Porto Santo, mesmo tendo chumbado no exame. Foi uma precipitação. Se eu não me tivesse precipitado e não tivesse comprado o voo eu não viria para Porto Santo. Custa-me obviamente ter de vestir duas peles de camaleão. Também tenho de no Jogo Maçónico vestir-me camaleonicamente para atacar a própria parceria do Comandante. Porque o trabalho é sem folgas, é cansativo, a comida nem sempre é boa, é de vez em quando... Mas também isto é um teste a mim próprio, para ver se eu mesmo tendo sentimentos por alguém se me deixo levar e faço silêncio ou se ataco. Porque eu tenho de atacar as 10h de trabalho sem folgas que não deixam ver a Ilha...06hh28

Acordei com o barulho do padre a lavar roupa na banheira. Não temos máquina de lavar e acho que a lavandaria que fica longe, que fica na villa, é cara. Quando saí da cama estava o padre todo nu deitado no terraço a apontar-me a câmara do telefone como se me estivesse a filmar e a dizer que tinha feito uma limpeza na casa, que tinha limpado o chão porque gostava das coisas limpas e disse que tinha limpado com um toalha... Apetecia-me rir porque o chão estava sujo e cheio de migalhas. Não temos vassoura nem esfregona e eu não tenho como ir a pé 40 minutos para ir comprar à vila e depois voltar mais 40 minutos com a esfregona e vassoura na mão ainda por cima quando só estou de visita. E pensei se ele não tivesse feito um filmezinho para a dark net só para eu aparecer com a imagem “do porco”... Lembrei-me na Praia dos Bodyboarders quando a Sophie sujava a bancada da cozinha mas depois com o telefone na mão dizia toda a chateada se eu podia limpar a bancada porque ela gostava das coisas limpas... Também eu. Odeio ver coisas sujas, mas não tenho de andar a limpar sempre a merda dos outros... Mais tarde vim a casa e encontrei-me com o outro nosso colega de quarto que me deu uma descasa porque o meu quarto e o do padre era uma suite e que portanto se tínhamos uma casa de banho dentro do quarto para usarmos os dois essa casa de banho, porque a outra era dele, que eu tinha mexido no shampoo dele sem pedir e que eu tinha cagado a retrete toda e metido papel por cima e tapado a retrete e ainda por cima ter mexido de lugar dos rolos de

papel higiênico. Respondi que não tinha mexido em papel higiênico nenhum, que não tinha visto 6 embalagens de shampoo e achava que o champô era de alguém que já tinha estado a viver ali no apartamento mas que se tinha embora... Eram 6 champôs e eu só eu, o Fred e o Dionísio. Pedi desculpa e disse que achava mesmo que era de alguém que já não vivia mais no apartamento e que tinha deixado e sobre a cagada que eu tinha mandado eu expliquei que tinha sido quando a água tinha sido cortado e portanto não havia como despejar e por isso é que tinha posto o papel e fechado a tampa à espera quando a água voltasse. Mas ele começou logo a mandar vir “meio a ameaçar” e disse que ele é que teve de despejar e que esse corte de água não afetou a retrete... Eu pedi desculpas, mas sei que não foi ele que despejou. Fui eu. Para me meter medo disse que era um gajo fodido de Câmara de Lobos e perguntou-me se eu conhecia e eu disse que sim porque tinha estado na Piscina Oceânica como salva-vidas. Perguntou quando e começou a calcular as datas e perguntou se eu tinha estado a trabalhar com o fodido do Zé e eu disse que sim e por causa desse sim ele disse que ficava tudo bem entre nós. Senti e não senti uma Dark net. Quando estava a sair da cantina depois de jantar imaginei eu a passar e o Dionísio à frente de todos a falar da minha cagada. Logo a seguir vejo o Dionísio pela primeira vez no hotel. E vejo a “Internet das Coisas”, vejo como todo o hotel podia ter ficado a saber ou ter sabido da tal cagada em casa...

O meu Grindr foi hackeado e entrou o John. Foi um erro de algoritmos. O John está em Lisboa, apareceu não sei como no meu Grindr em Porto Santo. Gostei mesmo do John e como gostei saí do Grindr. Assim que desinstalo o Grindr na cabine de duche dos balneários da piscina do resort, no caminho para a pizzaria aparecem “num desfile” com t-shirts a dizer “Grindr” todos os **Cavaleiros Tecnológicos** que eu tinha visto no Grindr em Porto Santo quando estava em Santarém e tinha feito Fake GPS em cima de Porto Santo. Assim que entro na pizzaria senta-se à minha frente um pai novo com 30 anos com as duas filhas com quem eu já tinha falado no Grindr. Não fiz caso. Aparece o Axel que tinha desaparecido a perguntar se o SANAS já me tinha respondido para saber se eu ia ficar no Funchal a fazer o Curso de Nadador Salvador ou se fazer um desvio e aterrar no Porto para fazer o Curso de Nadador-Salvador que o pai dele ia abrir em Viana do Castelo... Logo a seguir recebo uma mensagem do Comandante com um anúncio de emprego para salva-vidas em Viana do Castelo a dizer “Tás a ver? O que falámos da outra vez? Para Viana do Castelo é 1250€ sem alojamento, água gelada e escura, ondas e mar do caralho, agueiros, muitos salvamentos e grande possibilidade de mortes, polícia marítima sempre no pé e mal disposto... Não dão apoio para o alojamento...”. Logo a seguir recebo uma mensagem do Axel a dizer: “Olha que de Porto Santo os fuzileiros conseguem disparar para o Funchal mas o tiro não chega a Viana do Castelo. Em Viana do Castelo passas. Fiz uma sociedade com o meu pai para concorrermos às concessões de praia aqui em Viana. Tenho duas. Numa recebes 2000€ + cama comigo e dou-te esporra todas as noites, na outra recebes 3000€ sem cama, mas com comida”. 7h17 o sol já nasceu, nasceu às 6h56 Raul Catulo Morais

Último Argumento

Quem me dera que fosse tudo mentira. Que o staff todo me tivesse mentido e que recebiam muito mais daquilo que me diziam. No filme maçónico por ter visto ontem o jornalista surfista com quem estive e ele ter passado e me ter acenado muito silenciosamente e por ter ligado depois os dados móveis e ter recebido um pedido de amizade de um jornalista e por ter ido ter com o argentino de Montevideu que me mostrou o passaporte militar, construí o argumento maçónico que o Hotel estava “minado” de jornalistas, militares e polícias infiltrados. Lembrei-me outra vez do Adam da Marinha de Israel que quando eu estava em Porto Santo a dizer ao DK que tinha saudades do Adam, mas que tinha perdido o contacto e o Adam ter vindo falar comigo depois dessa chamada, quando não víamos há 1 ano construí o argumento ainda mais maçónico que um exército estrangeiro se tinha infiltrado por causa da Maçonaria instalada na Marinha e no Exército... Um jogo de maçonarias. Uma autêntica Batalha Naval para ficar com a concessão milionária num Romance Militar de Fuzileiros e Salva-Vidas. 07h30 13/06/2022 Raul Catulo Morais

